

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
CENTRO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA
ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA MODERNA E CONTEMPORÂNEA**

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

CADERNO DE RESUMOS

LONDRINA, MAIO DE 2012

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

Incomensurabilidade e meta-incomensurabilidade

Adan John Gomes da Silva
Mestrando em Lógica e Filosofia Formal - UFRN
adanjohnrn@yahoo.com.br

Resumo: Nesse trabalho tomaremos a discussão acerca do status ontológico da incomensurabilidade como uma forma de analisar a plausibilidade de outra ideia, devida a Paul Hoyningen-Huene, Eric Oberheim e Hanne Andersen, e chamada por eles de *meta-incomensurabilidade*. A incomensurabilidade, defendida inicialmente por Thomas Kuhn e Paul Feyerabend, propõe que alguns dos termos compartilhados por teorias consecutivas não compartilham dos mesmos referenciais, o que criaria dificuldades para o ideal realista de ciência como *'uma aproximação gradual da verdade'*. Contudo, os filósofos de filiação realista têm criado alternativas influentes para conciliar a tese da incomensurabilidade com uma perspectiva realista, entre os quais encontramos Hilary Putnam e Howard Sankey. Por outro lado, essas tentativas têm sido acusadas de negar aspectos essenciais da incomensurabilidade, sendo rejeitadas sob o pretexto de que não dão conta das reais dificuldades levantadas por esta. E é no interior desse debate que damos crédito à ideia de meta-incomensurabilidade, que, à semelhança da incomensurabilidade, atribui a dificuldade do debate a um 'mal entendido' entre as partes envolvidas. Nesse sentido, veremos como realistas e anti realistas diferem em sua interpretação da incomensurabilidade e como essas diferenças se devem, em último caso, a diferença de sentidos que cada parte atribui aos termos do discurso, tais quais 'realidade', 'mundo', 'teoria da comparação', 'fato' e até mesmo de 'referência', o que torna seus argumentos circulares e a disputa inevitavelmente infrutífera.

O conectivismo como mediador de aprendizagem

Andre Luis Corrêa
Doutorando, UNESP/Bauru, Faculdade de Ciências, Programa de Educação para Ciências
andrelc@fc.unesp.br
Mariana A. B. S. de Andrade
Profa. Dra., Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas
mariana.bologna@gmail.com
Wilson Massashiro Yonezawa
Prof. Dr., UNESP/Bauru, Faculdade de Ciências, Departamento de Computação
yonezawa@fc.unesp.br
Ana Maria de Andrade Caldeira
Profa. Dra., UNESP/Bauru, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação
anacaldeira@fc.unesp.br

Resumo: As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão cada vez mais presentes na sala de aula, no entanto as pesquisas na área de educação discutem qual metodologia utilizar ao se inserir estes instrumentos no contexto escolar. A simples transposição de práticas educativas tradicionais para o ambiente virtual acaba por subutilizar a gama de recursos disponibilizados pelas tecnologias digitais. É nesta perspectiva que a base teórica do Conectivismo (Siemens, G. "Connectivism: Learning as Network Creation". e-Learning Space.org website, 2005) está inserida. O conectivismo tem sido estudado como uma teoria de aprendizagem em que o ponto de partida para a aprendizagem ocorre quando o conhecimento é acionado através do processo em que um aprendiz

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

conectado insere informações em uma rede de conhecimento. O ato de aprender transparece através de ligações entre nós na rede, maximizando a aprendizagem, que pode ser alcançada através da identificação das propriedades de redes de aprendizagem e conhecimento conjunto. O conectivismo está preocupado principalmente com o desenvolvimento cognitivo dos participantes da rede de conhecimento. Com isso, o presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir as bases filosóficas do conectivismo como um elemento mediador da aprendizagem, que vem sendo apresentado por alguns autores como uma teoria da aprendizagem capaz de aliar as novidades tecnológicas aos escopos da educação da era digital.

CNPq

Wittgenstein e a crítica ao sujeito da visão agostiniana da linguagem

Alison Vander Mandeli
Doutorando em Filosofia – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
alison_vander@hotmail.com

Resumo: Pretendo traçar algumas considerações sobre a crítica de Wittgenstein à *visão agostiniana da linguagem*, enfatizando a mudança na questão da compreensão da subjetividade que tal crítica carrega. Para isso, após uma breve introdução, apresentarei as características básicas da visão agostiniana e o modelo de sujeito mental pressuposto, sujeito este anterior à linguagem e desprendido do mundo, revelando um forte dualismo entre uma esfera interna/mental, e uma esfera externa/física. De maneira geral, esse tipo de sujeito surge da *confusão filosófica*, característica da visão agostiniana, de pensar a linguagem como uma estrutura abstrata, desprendida de seu uso. Ao argumentar que esse tipo de compreensão da linguagem é simplório e fonte de confusões, Wittgenstein propõe que não se deve entender a linguagem fora de seu funcionamento, de sua práxis; este ponto de vista pragmático revelará, como veremos, outro modelo de sujeito, que não mais antecede a linguagem e é separado do mundo, mas que se constrói na medida em que o indivíduo avança na aptidão dos *jogos de linguagem* de uma comunidade, inserindo-se assim em uma *forma de vida* específica.

REUNI

Apresentação da obra *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*, de Ludwik Fleck

Caio César Malassise Luiz
Aluno, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia
caiomalassise@hotmail.com

Resumo: Em 1979, quando da tradução para o inglês da principal obra de Ludwik Fleck, *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*, observou-se um crescente interesse em torno da obra do autor, até que como resultado disso, aparece em 2010 a primeira tradução brasileira da obra. Esse “redescobrimto” da obra de Fleck no Brasil tem impulsionado pesquisas relacionadas às suas contribuições nas áreas de filosofia e história da ciência. O presente trabalho pretende demonstrar que possíveis contribuições são estas. Descrente da possibilidade de uma interpretação lógico-formal da ciência, a partir da reconstrução da história da sífilis, o autor pretende analisar a grande dependência que a ciência tem do contexto em que se encontra inserida, sendo que somente a partir deste acontece a opção por determinadas escolhas. Os conceitos serão sempre determinados pelo estilo de pensamento vigente e o comportamento dos cientistas varia sempre de acordo com o

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

coletivo de pensamento que este se encontra. A partir desses conceitos, tentarei demonstrar de que maneira o autor vê o conhecimento científico enquanto resultado do desenvolvimento da história do pensamento e de que maneira a investigação dos desdobramentos históricos que levam ao fato científico torna-se fundamental.

Schrödinger, Born e Bohm sobre a causalidade na Física Quântica

Caroline Elisa Murr
Doutoranda, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação
em Filosofia
caromurr@gmail.com

Resumo: Nesta comunicação, nosso objetivo é compreender melhor a controvérsia entre Schrödinger, Born e Bohm sobre a causalidade na Física Quântica. Além dos textos desses autores (cf. Erwin Schrödinger, “Indeterminism in Physics”, 1932 e “The law of Chance”, 1935; Max Born, *Natural Philosophy of Cause and Chance*, 1949 e David Bohm, *Causality and Chance in Modern Physics*, 1957), trazemos algumas reflexões de Ben-Menahem, autora que recentemente tem buscado esclarecer pontos controversos, como a causalidade, na obra de Schrödinger (cf. Yemima Ben-Menahem, “Struggling with realism: Schrödinger's case”, 1992). A fim de apontar o impacto dessas perspectivas na Filosofia da época, fazemos também uma análise da abordagem de Russell sobre o tema (cf. Bertrand Russell, “On the Notion of Cause”, 1912). Tencionamos mostrar que as ideias de Born têm mais proximidade com as de Schrödinger do que comumente se imagina, em linhas gerais. E que o principal motivo de discordância entre esses dois cientistas não versava, exatamente, sobre a causalidade, mas orbitava entre o tema da continuidade e a noção de realidade. Por fim, percebemos que há divergências entre as abordagens de Bohm, Born e Schrödinger, mas não se pode tomar as ideias do consenso comum como representativas de suas posições. É preciso atentar para as nuances do pensamento de cada um, o que nos ajudará a entender não só a maneira como Schrödinger se posicionava com respeito ao tema, mas também as mudanças que estavam ocorrendo na maneira de encarar o fazer científico, em especial o trabalho do físico, nas primeiras décadas do século XX. Mudanças essas que se refletiam nas discussões filosóficas, como fica claro no caso de Russell, que questionou a maneira como a Filosofia vislumbrava, até então, o papel da causalidade na Ciência.

FAPESC

História e Filosofia da Ciência nos Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio: Análise do conteúdo sobre a Origem da Vida

Cecília Helena Vechiatto
Mestre pela Universidade Estadual de Londrina
ceciliavechiatto@hotmail.com

Resumo: Este estudo constitui-se no esforço de analisar a história da ciência que está sendo apresentada nos livros didáticos de Biologia do ensino médio. A proposta de inserção da história e filosofia da ciência (HFC) nos livros didáticos se baseia no princípio de que os livros didáticos são importantes ferramentas acessíveis e úteis aos professores e alunos, portanto os textos apresentados nesses veículos educacionais devem ser escritos de forma instigantes e compreensíveis, aproximando os conteúdos aos alunos, principalmente por meios dos aspectos Históricos e Filosóficos da Ciência. Desse modo, as nossas investigações partiram dos seguintes questionamentos: a) a história da ciência está presente nos livros didáticos, como ela está sendo

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

apresentada? b) A forma pela qual a história da ciência aparece nos livros didáticos é considerada adequada para um ensino de boa qualidade? c) Como a história da ciência vem sendo utilizada, uma vez que ela pode ser um excelente recurso pedagógico? O presente estudo buscou auxílio nas ideias de Thomas Kuhn (2003) e Michael Matthews (1994). Com esses dois referenciais teóricos foi possível realizar um estudo de caso sobre a história da ciência nos livros didáticos. Para a realização deste estudo de caso, analisamos 4 (quatro) livros didáticos de biologia do ensino médio. O assunto escolhido para a análise desta pesquisa foi o problema da origem da vida. As associações entre as ideias de Kuhn e Matthews foram convertidas em algumas categorias, a saber: linearidade; ciência normal; paradigma; quebra-cabeça e relação teoria/experimento. A partir dos resultados obtidos procuramos mapear as formas pelas quais a história e a filosofia da ciência se encontram presentes nos livros didáticos, bem como o modo de sua estruturação.

A causalidade como princípio de realidade: uma discussão sobre o compromisso humeano com o realismo ordinário

Cristiano Junta

Doutorando, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
cristiano.junta@gmail.com

Resumo: O objetivo desse estudo é esclarecer a relação entre a posição realista e noção de causalidade na filosofia de Hume. Nossa análise divide-se nas seguintes partes: (a) expor as características básicas da interpretação denominada Realismo Cético (cf. G. Strawson, *The Secret Connection*, 1989); (b) explorar a interpretação que caracteriza a relação de causa-e-efeito na filosofia de Hume como um “princípio de realidade” (cf. Yolton, J. *Perceptual Acquaintance from Descartes to Reid*, 1984). (c) confrontar essas interpretações através de uma análise crítica com o que consideramos ser a postura filosófica de Hume. Argüimos que se a interpretação da noção de causalidade como um princípio de realidade é correta, então, isto poderia fundamentar a defesa humeana de uma posição realista que seria qualificada como “crença natural” em virtude desta emergir de princípios constantes da imaginação. Nesse aspecto, a relação de causa-e-efeito é fundamental para o estabelecimento da distinção entre as “ficções” e os “princípios constantes” da imaginação. Argüimos que essa interpretação é essencial para esclarecer a crítica de Hume aos dualismos conceituais substância/acidente, qualidades primárias/secundárias, materialismo/imaterialismo (cf. Hume, *Tratado da Natureza Humana*, 2000 – seção 3, 4 e 5, Parte IV, Livro I). Essa abordagem, preconizada por Yolton, nos parece mais fidedigna com os aspectos típicos da postura filosófica de Hume – a defesa de um Realismo Ordinário associado com uma explicação de caráter anti-realista, ou seja, com um Anti-Realismo Teórico (cf. Blackburn, S. “Hume and thick connexions”, 2009). Pois, em oposição a interpretação Realista Cética, ela não faz depender o realismo humeano de um argumento de superveniência ontológica de “poderes ocultos na natureza”.

CAPES

Devemos considerar as teorias científicas como verdadeiras?

Daiane Camila Castilho
Mestranda, Universidade Estadual de Londrina
daiane.filosofia@gmail.com

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

Resumo: A questão acerca da aceitação de teorias científicas é um problema central do debate contemporâneo entre realismo e anti-realismo. Questiona-se sobre qual deveria ser a atitude epistemológica do cientista diante a aceitação de teorias, ou seja, que tipo de crença estaria envolvida no processo de aceitação. O realismo científico defende que a aceitação envolve a crença de que as teorias científicas aceitas são (aproximadamente) verdadeiras, já para o anti-realismo científico, mais precisamente, para o empirismo construtivo a única crença envolvida na aceitação de teorias é a de que ela é adequada empiricamente ou não, em outras palavras, se ela salva os fenômenos (cf. Bas van Fraassen, *The Scientific Image*; 1980). Um dos objetivos deste trabalho é apresentar brevemente, de que forma o realista sustenta sua tese. Para tal objetivo utilizaremos como fonte o pensamento de Richard Boyd ("Lex orandi est lex credendi"; 1985) e Peter Lipton (*Inference to the best explanation*; 2004). Em contrapartida, faremos uma apresentação da posição anti-realista de van Fraassen para que possamos problematizar a posição realista, abordando os principais pontos do empirismo construtivo, principalmente no que tange a dimensão pragmática da aceitação de teorias científicas. Tal concepção como pretendemos indicar, fornece razões para a aceitação de uma teoria independentemente de questões epistemológicas sobre a verdade.

CAPES

Ethos pós-moderno: dilemas e perspectivas para a ética enquanto teoria da práxis humana

Daniel Nery da Cruz
Mestrando em Filosofia pela Unisinos
danielncruz@hotmail.com

Resumo: O presente texto pretende abordar as considerações de Lipovetsky sobre o *ethos* contemporâneo e suas consequências filosóficas sobre a ética enquanto teoria da práxis humana bem como analisar se as descrições lipovetskyanas são meramente sociológicas ou se delas se pode deduzir uma filosofia ou teoria ética para os tempos pós-modernos da cultura ocidental. Para isso será desenvolvida uma reflexão sobre novo sujeito moral que emerge do *ethos* pós-moderno e qual sua relação com os novos valores que substituem a obrigação e o dever por uma moral voltada para a realização pessoal, desprendida do peso da tradição e da filosofia do sujeito. Esse novo *ethos* produz uma "sociedade pós-moralista", não por que ela tenha superado os valores morais, mas por traçar seu destino dentro do quadro de uma ética indolor, leve, livre de obrigações e sacrifícios, em que tudo é permitido desde que atenda às satisfações subjetivas, produzindo um novo indivíduo moral: Narciso, o *homo psi* que libera de forma intensa um amor por si mesmo, promove uma deserção dos valores altruístas e acaba por instaurar um sujeito moral des-substanciado, isolado em seu mundo subjetivo. Embora a ética esteja presente no discurso cotidiano, esse novo sujeito moral não age dentro dos grandes paradigmas enaltecidos pela modernidade, mas vive uma ética sem engajamento, *soft* e sem disposição para morrer por grandes ideais. A descrição de Lipovetsky permite mostrar que a moral tradicional fundada em elementos cartesianos em que o indivíduo tinha um ideal e uma razão que o guiavam, é esboroadada na "sociedade Pós moralista". O peso do dever é substituído pela busca de uma forma de viver amena desapegada dos dísticos tradicionais, gerando uma moralidade flutuante sem referência a fundamentos. Diante dessa descrição fica a questão: é possível ainda uma teoria ética diante da flutuação do valor?

Modernidade em Foucault, ultrapassar os limites do Esclarecimento

Denise Corder Petrica

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

Estudante de pós-graduação-Mestrado Filosofia Contemporânea-UEL
denisepetrica@hotmail.com

Resumo: Michel Foucault, filósofo contemporâneo, que atrai diversas áreas do conhecimento, por sua complexidade enquanto pensador define-se indefinido: “Não me pergunte quem eu sou, e não me diga para permanecer o mesmo.”. O que se sobrepõe em sua análise, dos seus primeiros escritos, é a sua inquietação com os temas do saber, poder e sujeito. Agastado pela violência da normalização e pelos excessos do poder disciplinar em diferentes esferas sociais, o filósofo francês compõe em suas análises uma crítica decisiva do poder disciplinar que controla o corpo e asseguram a docilidade e a utilidade dos indivíduos a partir da Modernidade. Os últimos ensaios foucaultianos, produzidos no final de sua vida revelam uma interpretação à parte do filósofo francês. Assumindo a modernidade não como um período definido e sim um processo em andamento, Foucault em seus escritos recai na questão do sujeito e assume uma postura positiva de Kant. Ao se ingressar dentro da modernidade, Foucault se articula com o pensamento kantiano, e elabora a partir da Aufklärung, questões que permeiam suas análises, revela a autonomia e a liberdade do homem. Para Foucault o opúsculo de Kant (1784) *WAS IST AUFKLÄRUNG?* faz surgir um novo tipo de problema de questão reflexiva filosófica. Aufklärung formula seu tema e chama a si mesmo de Aufklärung. Ao revelar esta ação positiva da modernidade, Foucault enfatiza que este evento moderno, enquanto movimento constante e não mais um evento da história, problematiza sua própria realidade discursiva. Para Foucault, isto é pertencer a certo “nós”, que torna o filósofo dentro, ou objeto da sua própria reflexão. Nesta consciência de si, a própria função da filosofia moderna é de interrogar sua própria atualidade. Esta ontologia de nós mesmo, se acentua no texto de Foucault (1984), *O que são as Luzes?* Foucault define claramente que a modernidade não é um período apenas, mas sim uma atitude, o que ele denomina de Ethos Filosófico. A ideia de liberdade parece reascender em Foucault a partir destes escritos kantianos, a sua proposta é repensar sobre este sujeito que não pertence a si mesmo e projetá-lo fora destes discursos globais, construindo-se a partir da singularidade e autonomia de conduzir-se a si mesmo.

**Análises do modo como os avanços biotecnológicos e a bioética aparecem nos livros didáticos
atuais e na coleção BSCS**

Deysielle Inês Draeger
Graduanda do curso de Ciências Biológicas.
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
deysi-draeger@hotmail.com

Paloma Rodrigues da Silva
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência.
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
paloma.bio@hotmail.com

Elaine S. N. Nabuco de Araújo
Pesquisadora do Centro de Divulgação e Memória da Ciência e Tecnologia.
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
enabuco@netsite.com.br

Ana Maria de Andrade Caldeira
Professora Adjunta do Departamento de Educação
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.
anacaldeira@fc.unesp.br

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

Resumo: Atualmente, devido à intensa produção científica e tecnológica, bem como aos impactos dessa na sociedade e no ambiente, há uma crescente necessidade de inserção de discussões bioéticas no ensino. Embora o termo Bioética tenha sido cunhado em 1971, não podemos dizer que antes disso, ainda que sob denominações, não havia discussões envolvendo essa temática. Sendo assim, é objetivo do presente trabalho analisar livros didáticos utilizados no Brasil nas décadas de 1960 e 1970 e na atualidade. Centramos nosso estudo à forma como conteúdos relacionados à Engenharia Genética e Bioética são abordados em três livros da década de 1970, da série Biological Science Curriculum Study (BSCS), e oito livros didáticos indicados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) do Componente Curricular de Biologia para o Ensino Médio. Para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos o estabelecimento de padrões, que foram organizados em categorias de análise. Os resultados nos mostram que nos quase meio século que se passaram entre a utilização das publicações analisadas (BSCS e livros atuais) ocorreram diversos avanços científicos na área de Biotecnologia e um aumento das discussões bioéticas. No entanto, notamos que os temas são tratados quase que de forma tão rasa nos livros didáticos atuais quanto eram nos materiais utilizados há décadas.

CNPq

Intencionalidade: a possibilidade de naturalização do conteúdo segundo a compreensão de John R. Searle

Douglas Henrique Antunes Lopes

Aluno do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (mestrado) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná
douglas_a_lopes@hotmail.com

Resumo: Em diversos trechos da obra de Searle a *intencionalidade* é definida como aquela característica de determinados tipos de estados mentais que se direcionam, tratam, pertencem ou representam outras entidades ou estados de coisas. Faz-se necessário destacar que as atribuições de *intencionalidade* se diferem. Neste trabalho nos detemos aqueles estados mentais que são entendidos como *fenômenos intencionais intrínsecos* à mente. Neste sentido, Searle entende que os *estados intencionais intrínsecos* são aqueles que realmente existem na mente/cérebro dos agentes. Assim, os *fenômenos intencionais intrínsecos* são causados por processos neurobiológicos ocorridos no cérebro. Não se conhece, no entanto, exatamente os detalhes desses processos. Como, por exemplo, disparos neurais são capazes de sustentar coisas como experiências visuais; por outro lado, não desconhecemos totalmente esses detalhes. Searle ressalta que “em relação a alguns fenômenos intencionais, pelo menos, temos uma ideia do papel específico de certos órgãos cerebrais, como o córtex visual ou o hipotálamo, na produção dos fenômenos intencionais” (SEARLE, 2010, p.125). O autor vislumbra as limitações empíricas que temos em conhecer detalhadamente o funcionamento do nosso aparelho neurobiológico, no entanto, essas limitações não implicam em um “abismo metafísico” entre duas entidades, a saber, “mente” e “corpo”. Tal abismo nos seria um empecilho insuperável para que possamos compreender tais questões. Distinguem-se *características de nível inferior* e *nível superior* da natureza. Por exemplo, no caso da solidez da rocha, nos detemos à uma característica do sistema, mas não da propriedade de uma partícula isolada. De modo análogo, no que diz respeito àquilo que sabemos sobre o cérebro, estados mentais são causados pela estrutura neural. Trata-se de um *sistema de nível inferior*, enquanto os estados mentais são de *nível superior*. Destarte, não há maiores implicações na admissão de que estados intencionais são características naturais emergentes de um sistema inferior.

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

Verdade e prova no contexto da lógica clássica

Ederson Safra Melo
Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina
edersonsafra@yahoo.com.br

Resumo: No senso comum, há uma ideia de que se algo foi provado, então é porque é verdadeiro. Nessa perspectiva, se há uma prova de uma sentença *s*, então é porque *s* é verdadeira. Todavia, no contexto da lógica clássica, verdade e prova são noções distintas. O conceito de prova é tratado de maneira sintática, visto que é definido com base em características puramente estruturais dos sistemas formais em que as provas são feitas. Já o conceito de verdade, que é amplamente usado nas ciências formais, recebe um tratamento semântico, sendo definido recursivamente com base nas interpretações que se dão aos símbolos da linguagem formal em questão. Esta comunicação tem como objetivo mostrar a independência entre as noções de verdade e prova. Para tanto, vamos apresentar as definições de tais conceitos – no domínio da lógica clássica – e evidenciar que a independência entre essas noções se mostrou profícua para as ciências formais.

A questão da fundamentação da moral em Augusto Comte

Edilene de Souza Leite
Estudante de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Dep. de Filosofia
garotarazel@hotmail.com

Resumo: Quando Isidore Auguste François Marie Xavier Comte (nascido em 19/01/1798, Montpellier – falecido em 05/09/1857, Paris), construiu sua teoria Moral e fez o “Quadro Sistemático da Alma”, pensava ele na possibilidade de moral científica. Que há princípio sugere que a moral não fique sujeita a subjetividade e ao relativismo correlacionado ao contexto territorial e as fronteiras invisíveis culturais, que parecem delinear diferentes valorações morais na história dos grupos sociais humanos. Ele pensou em uma moral teórica e outra moral prática, a Sétima ciência, que seria a superior e a última das ciências, que regeria a todas as outras ciências. No seu quadro cerebral Comte tratou das funções humanas em busca de fundamentar a moral em princípios não-sobrenaturais, por isso fundou ele a religião da humanidade, *para reivindicar/ propor um “sistema terrestre positivo”*. Mas como fundamentar uma moral “objetiva” frente à diversidade fisiológica do humano, e da incapacidade de controle da biosfera durante a reprodução biológica? E de que forma a moral poderia ser idêntica para todos os humanos, dado a modificabilidade ao qual estamos sujeitos? Como seria possível a “universalidade” moral?

Critério de demarcação de Thomas Kuhn a partir de *A Estrutura das Revoluções Científicas*

Eliza Maria Mota Miranda
Graduanda, Universidade Estadual de Londrina, Curso de Filosofia
elizamiranda99@yahoo.com.br

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

Resumo: Esse artigo pretende demonstrar que, embora Kuhn não tenha oferecido um critério explícito de demarcação científica, nem desenvolva formalmente essa discussão em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*, fica claro a partir do estudo da obra que em sua visão essa validação é extraída dos trabalhos realizados dentro do chamado período de ciência normal e é dada pela própria comunidade. Para Kuhn, é justamente no interior das próprias ciências que se dá a validação da cientificidade dos trabalhos científicos. A compreensão de Kuhn de que não há ciência fora do paradigma e sua definição de ciência normal como “a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas” (Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, 2009, p. 29) permitem tal conclusão. Os objetivos desse artigo são: a) apresentar brevemente os conceitos chave da teoria de Kuhn n’*A Estrutura*, tais como período pré-paradigmático, ciência normal, paradigma, anomalias e revolução científica; b) demonstrar de que maneira Kuhn vê o período de ciência normal e a comunidade científica como garantidores da legitimidade e cientificidade dos trabalhos realizados; e por fim, c) levantar os pontos subseqüentes a essa interpretação, a saber, as implicações dessa visão kuhniana na discussão acerca da racionalidade da científica.

CNPq

Os Conhecimentos Genômicos nos Discursos em Ambientes Informais

Fernanda Peres Ramos

Doutoranda do Programa de Ensino de Ciências e Educação, Universidade Estadual de Londrina

fernandaperes@ibest.com.br

Sérgio de Mello Arruda

Professor, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Física

renop@uel.br

Marcos Rodrigues da Silva

Professor, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia

mrs.marcos@uel.br

Resumo: No século XX, a biologia molecular possibilitou para a genética consideráveis avanços. Esses aspectos foram importantes para o desenvolvimento do PGH. Este projeto teve forte apelo midiático, provocando o entusiasmo da população pela perspectiva da cura de doenças hereditárias (Zatz, M. *Projeto Genoma Humano e Ética*, 2000). Todavia, seus resultados sinalizaram a necessidade de mudanças genéticas conceituais, bem como um deslocamento de valores científicos. Tais aspectos podem ser observados pelas pesquisas direcionadas no século XXI, era pós-genômica, como o estudo da epigenética (Burbano, H. A. “Epigenetics and genetic determinism”, 2006). Nesse contexto contemporâneo, as informações são veiculadas de diversas formas e nos mais variados ambientes, de modo que, tais conhecimentos têm alcançado além da educação formal, também os ambientes informais (National Research Council, “Learning science in informal environments: people, places, and pursuits”, 2009). Ora, diante disso, este trabalho preocupou-se em compreender: Quais valores permeiam o discurso informal sobre conhecimentos genômicos? Quais meios de informação mais influenciam as pessoas em sua produção de conhecimento? A coleta se deu por entrevista semi-estruturada sobre as pesquisas genéticas. Os discursos foram analisados por meio da Análise de Discurso na perspectiva foucaultiana (Foucault, M. *Arqueologia do Saber*, 1997). Durante a análise percebeu-se a utilização de argumentos validadores sociais e científicos. Quanto aos meios de comunicação, a internet e as propagandas foram largamente mencionadas como fonte para seus conhecimentos. Todavia, quanto aos valores sobre o cenário pós-genômico, observou-se que os discursos transitaram entre valores deterministas alcançando os valores epigenéticos.

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

A apresentação de Mendel nos livros didáticos: O pai da genética ou um membro de uma tradição de pesquisa?

Fernando Gianetti Fiorin

fernandogianettifiorin@gmail.com

Aluno do curso de Mestrado em Ensino de Ciências da Universidade Estadual de Londrina

Marcos Rodrigues da Silva

mrs.marcos@uel.br

Doutor em Filosofia

Professor de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Quando os livros didáticos de biologia se propõem em ensinar o conteúdo de genética, invariavelmente todos apresentam a história de Gregor Johann Mendel e suas famosas contribuições para esse campo. Em tais livros o mesmo sempre é citado como o responsável pelo desenvolvimento dessa disciplina, graças aos seus estudos com a ervilha de cheiro (*Pisum sativum*) e os resultados que encontrou com as experiências realizadas com as mesmas que acabaram gerando as suas famosas leis de transmissão de características genéticas. Nessa apresentação pretendemos demonstrar que esses livros didáticos trazem um papel errôneo para tal pesquisador, deixando de enfatizar que o mesmo fazia parte de uma tradição científica que já buscava tais respostas e que provavelmente o mesmo nem tivesse como interesse o que sempre é apresentado em tais livros: o estudo da herança das características físicas que estariam presentes nos genes, mas sim buscar as respostas para aquilo que os demais membros de sua tradição de pesquisa tentavam responder, a questão da hibridização das plantas. Para defendermos nosso ponto de vista apresentaremos ideias de autores que, acreditamos, já são conhecidos dentre aqueles que estudam a História e Filosofia da Ciência, mas que curiosamente parecem não chegar aos autores de livros didáticos.

Críticas de Heidegger à ciência

Guilherme Devequi Quintilhano

Iniciação Científica, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia

guidevequi@hotmail.com

Resumo: Heidegger, filósofo alemão e um dos principais filósofos do século XX, está preocupado com a investigação sobre o “ser” e, por conseguinte, busca uma nova abordagem para investigar esta questão. O filósofo vê necessidade de se fazer uma “limpeza” em toda tradição filosófica incluindo a ciência e o seu modo de tentar investigar o “ser” para mostrar que toda investigação da ciência se pauta sobre o ente, mesmo quando crê que discute sobre o “ser”. Um dos alvos de crítica de Heidegger refere-se às bases que a ciência utiliza para iniciar sua investigação sobre o “ser”. E a outra crítica é direcionada ao período da pós-modernidade onde o autor fala sobre a *técnica* e o *dispositivo* (Gestell) e da *Fenomenologia Hermenêutica* que tem um papel importante para investigação do “ser”. Esta comunicação tem como objetivo apresentar algumas dessas críticas que o filósofo alemão lança contra a ciência no modo de investigar o “ser”.

Uma discussão acerca do conceito de comunidade a partir de Zygmunt Bauman

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

Henor Luiz dos Reis Hoffmann

Graduando, Universidade Vale do Rio dos Sinos de São Leopoldo, Departamento de Filosofia
henor.luiz.hoffmann@gmail.com

Resumo: Com o presente artigo pretendo apresentar, analisar e discutir o conceito de comunidade elaborado por sociólogo polonês Zygmunt Bauman, sob o prisma da filosofia política. Num primeiro momento será abordado à tensão existente entre a vida comunitária (promessa de segurança) e ideia de liberdade e individualidade do ideário liberal. Para uma melhor compreensão do conceito de comunidade desenvolvido por Bauman e da tensão existente deste com o ideário liberal, realizarei uma minuciosa análise de três tipos de comunidades descritas pelo autor. Primeiramente buscarei compreender o que autor entende por comunidade do evangelho e porque seria o Estado-Nação o único caso bem sucedido desse tipo comunidade. Seguido da análise das comunidades explosivas, que segundo Bauman ocupam o espaço aberto pelo declínio do Estado-Nação. Após análise e compreensão da comunidade do evangelho e das chamadas comunidades explosivas, estamos prontos para as “claoakroom communities” ou comunidades de carnaval, comunidades típicas da modernidade líquida caracterizada pela sua volatilidade e fluidez. Após a exposição e análise do conceito de comunidade presente na obra de Bauman, fica claro a visão unilateral do autor, que aborda o tema apenas de um ângulo, enfatizando seus aspectos negativos. Encerro este trabalho buscando discutir o conceito de comunidade de Bauman, contrapondo sua visão negativa de comunidade, com uma visão positiva.

Confirmação de hipóteses científicas como valoração: Dewey e Carnap

Ivan Ferreira da Cunha

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina
clockwork.ivan@gmail.com

Resumo: Esta comunicação tem o objetivo de discutir a possibilidade de um conceito pragmático de confirmação de hipóteses científicas. O problema da confirmação é pensado geralmente por um viés semântico, a partir da obra de Carnap, especialmente de seus estudos sobre lógica indutiva realizados a partir dos anos 1950. Carnap apresenta diversas ferramentas para lidar com o problema, mas sempre a partir da dimensão semântica, levando em conta relações internas à linguagem em que a hipótese e as evidências foram formuladas. A aplicação de tais ferramentas exigiria, no entanto, um estudo pragmático da hipótese, isto é, um estudo contextual da comunidade científica para a qual a hipótese é relevante (cf. Rudolf Carnap, *Logical Foundations of Probability*, 1962). A partir de observações simples da prática científica, como nos casos tratados pelo próprio Carnap (cf. *op. cit.*), notamos que a confirmação é utilizada como um artifício de valoração, de modo que a expressão ‘confirmada em alto grau’ costuma figurar ao lado de expressões como ‘racional’ e ‘objetiva’, quando se avalia uma hipótese. Tal análise – da confirmação como um valor – foge do escopo semântico dos trabalhos de Carnap, mas podemos pensar tal ideia de um ponto de vista pragmático: colocando a noção de confirmação, compreendida como um valor, nos termos da teoria da valoração de Dewey (cf. John Dewey, *Theory of Valuation*, 1939), e considerando as hipóteses como partes do complexo pragmático que Dutra chama de modelo (cf. Luiz Henrique Dutra, *Pragmática da Investigação Científica*, 2008), teremos, por meio da aplicação da lógica indutiva de Carnap, uma descrição pragmática da ciência reforçada com uma ferramenta semântica. Apresentaremos nesta comunicação um esboço da imagem resultante.

CAPES/PDEE (0030-10-4)

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

Consciência e ego em Sartre

Jackson Valentim Bastos

Estudante de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia

cksnvb@gmail.com

Resumo: A visão sartriana que caracteriza o homem como um ser capaz de se reinventar a cada dia supõe a fundamentação de uma noção de temporalidade que rejeita concepções deterministas e que, não apenas permite, mas requer do homem um posicionamento diante de situações marcadas por uma gama de possibilidades. Ao negar as determinações externas e assumir a responsabilidade pela sua autodeterminação, o homem projeta a sua consciência no mundo à procura de engajar-se na construção do seu projeto, à medida em que também se coloca em estado de suportar as contingências do mundo e a angústia de estar nele. Cria-se uma dimensão de liberdade que fundamenta a existência e as realizações do homem. Para tanto, é preciso fugir do determinismo psicológico que Sartre ainda julga estar presente, de alguma forma, no pensamento de alguns filósofos com os quais dialoga, de cujas teorias ele procura se diferenciar. Esse distanciamento é possível devido a algumas peculiaridades da noção sartriana de *consciência*, cujos aspectos este trabalho se propõe analisar, assim como sua relação no âmbito temporal com a noção de *ego*, tendo como fundo principal a obra *A Transcendência do Ego*, do referido autor.

Escrever a história, enterrar o Outro: Michel de Certeau, alteridade e historiografia

João Rodolfo Munhoz Ohara

Aluno do Mestrado em História Social, Universidade Estadual de Londrina

ohara.hal@gmail.com

Resumo: Para Michel de Certeau a historiografia é o “túmulo escriturário”, responsável por criar uma presença que evoca uma ausência; para ele, o passado se trata de uma alteridade que o historiador corta, classifica e coloniza a fim de torna-la compreensível, sendo o texto a efígie que lembra a todos que *houve* algo que não volta mais. Nosso trabalho busca analisar tal concepção de história, construída na segunda metade do século XX, momento no qual os historiadores passaram a questionar mais firmemente suas convicções epistemológicas. Longe de colocar fim às tensões já antigas entre filósofos e historiadores, Certeau oferece uma leitura bastante particular em relação ao ofício do historiador a partir de suas leituras plurais em história, teologia, filosofia e psicanálise. Partindo, então, de sua perspectiva, caminharemos por entre suas linhas para inventariar as consequências de sua crítica sobre o fazer historiográfico contemporâneo, explorando particularmente seus diálogos com Michel Foucault, Paul Ricoeur e Jacques Lacan.

CAPES

A escolha entre paradigmas rivais em Kuhn

Ligia Pavan Baptista

Professora, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas Departamento de Filosofia

ligiabap@unb.br

Resumo: A concepção cíclica da evolução científica, segundo a teoria de Kuhn, exposta em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*, intercala períodos de ciência normal e ciência extraordinária por um processo de crise, visto como um pré-requisito que deve culminar com a mudança total ou

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

parcial do paradigma até então utilizado pela comunidade científica. É a substituição de um paradigma por outro, total ou parcialmente incompatível com o anterior que é caracterizado pelo autor como uma revolução científica. O tema será analisado, no presente artigo, à luz da especificidade da crítica kuhniana do positivismo lógico em relação à teoria popperiana, fundada, sobretudo, no psicologismo e no indutivismo, ainda que a ele vinculada pelo papel que mantém ao empirismo. A escolha de um novo paradigma, segundo Kuhn, inicia um novo ciclo de ciência normal e não deve ser dirigida por um método extra teoria, mas considerar fatores até então negligenciados, tais como, o contexto sociológico de uma determinada comunidade científica em determinado período histórico, a formação educacional do cientista e ainda a utilização de técnicas retóricas. A retórica científica tem em vista convencer a comunidade de que os problemas propostos pelo novo paradigma são de maior relevância em relação aos que o antigo resolvia e assim, forjar a sua aceitação.

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (Edital 03/2012) – Universidade de Brasília

Moral e Terapêutica da Filosofia Cartesiana

Lílian Cantelle

Doutoranda, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Filosofia

lilian_cantelle@yahoo.com.br

Resumo: A moral desenvolvida por Descartes possui um resultado prático, ou seja, ela apresenta um resultado na vida presente. A sua principal utilidade é reger o desejo, pois é por intermédio dele que agimos. O erro mais comum em relação ao desejo é que geralmente não distinguimos suficientemente as coisas que dependem inteiramente de nós das que não dependem. Contra os desejos vãos, há dois remédios gerais: o primeiro é a generosidade e o segundo é a providência divina (que não será abordada no trabalho). A generosidade “consiste apenas, em parte, no fato de conhecer que nada há que verdadeiramente lhe pertença, exceto essa livre disposição de suas vontades, nem por que deva ser louvado ou censurado senão pelo seu bom ou mau uso, e, em parte, no fato de ele sentir em si próprio uma firme e constante resolução de bem usá-la, isto é, de nunca carecer de vontade para empreender e executar todas as coisas que julgue serem as melhores; o que é seguir perfeitamente a virtude” (*Les Passions*, AT, XI, p. 446). Ela é importante para a moral, pois ela regula as paixões e uma vez que nos permite agir moralmente, também nos auxilia no tratamento racional das paixões, pois os generosos “são inteiramente senhores de suas paixões” (*Les Passions*, AT, XI, p. 448). Eis, aqui, o ponto: Descartes teria unido a moral à terapêutica das paixões no conceito de generosidade e o presente trabalho tem como objetivo apontar e discutir essa possível união na obra cartesiana.

A identidade físico-matemática na teoria do movimento de Galileu

Lisiane Basso

Doutoranda, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Filosofia

bassolisiane@hotmail.com

Resumo: O artifício utilizado por Galileu para comparar diretamente infinitas linhas de um triângulo e de um paralelogramo é a afirmação inicial de que tais infinitas linhas são elas propriamente as áreas das figuras que as comportam. Não seria de forma nenhuma possível, dentro de uma geometria de tipo euclidiana, comparar duas quantidades infinitas; isso Galileu confessa

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

abertamente quanto trata da estrutura atômica da matéria na primeira jornada dos *Discorsi* (1638). Ao mesmo tempo, é justamente na abordagem da constituição e coesão dos corpos físicos que Galileu parece fundamentar a possibilidade da correlação entre "agregados" infinitos. Se for possível identificar a infinidade da progressão dos números naturais à infinidade de pontos que são presentes em uma linha, então, da mesma maneira que na progressão numérica existem diferentes infinitos, como o caso dos infinitos números quadrados, cubos etc., e entre eles é possível estabelecer uma relação biunívoca, também é possível entre os pontos de linhas diferentes. No Teorema do quadrado dos tempos, ao mostrar a existência uma relação biunívoca entre a série dos números naturais representantes e a série também infinita de seus quadrados, Galileu faz uso de um elemento já estabelecido na primeira jornada, sem remeter-se diretamente a ele, que é a possibilidade de compreender a natureza em geral da mesma forma que se compreendem as figuras da geometria. Assim, tanto os corpos materiais quanto os constituintes básicos que estão presentes no movimento natural são relegados, não de forma simples ou direta, mas com uma grande quantidade de aplicações geométricas seguidas de suas explicações, aos mesmos princípios necessários e evidentes. Intenta-se ressaltar nesta comunicação que, para que fossem tomados todos da mesma forma, não foi suficiente somente a aplicação da geometria ao estudo do movimento natural, mas um desenvolvimento mais amplo que diz respeito principalmente à coesão e natureza da matéria.

**Do problema do presente à inexorável atualidade do problemático: uma tentativa de eliminação
da questão que visa saber o que é a filosofia contemporânea**

Lucas Antonio Saran
Mestrando em filosofia contemporânea pela Universidade Estadual de Londrina.
lucasasaran@gmail.com

Resumo: Ao questionamento que visa saber o significado da expressão "filosofia contemporânea", não é possível dar uma resposta imediata, uma vez que, não só é verdade que grandes historiadores e filósofos entrariam em fortes confrontos na busca de satisfazer tal questionamento, como também, sob uma série de perspectivas a respeito da história, impossível falar com precisão a respeito do tempo em que se vive ou do tempo em que se pretende viver. Dentro dessa perspectiva, o objetivo da presente pesquisa consiste na construção de uma reflexão a respeito, justamente, das possibilidades de se responder ao questionamento referido. Tal reflexão tomará como base, principalmente, o arcabouço conceitual desenvolvido por Gilles Deleuze em uma de suas primeiras grandes obras (cf. DELEUZE, *Lógica do sentido*, 2007). Com o domínio dos elementos básicos de tal arcabouço, procurar-se defender à seguinte tese: o problema relativo ao significado da filosofia contemporânea não pode ser resolvido, uma vez que ele é o principal problema de tal filosofia e ela própria sequer existiria se tal problema não existisse.

CAPES

**A polêmica sobre o fundamento do cálculo: análise a partir da proposição 10, livro 2 dos Principia
de Newton**

Luiz Felipe Sigwalt de Miranda
mestrando, Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Paraná
fsmiranda@gmail.com

Resumo: A polêmica sobre o fundamento do cálculo teve como um dos episódios iniciais a apresentação da solução por meio do cálculo diferencial leibniziano do problema três contido na proposição dez do livro dois dos Principia por Niklaus Bernoulli, em cooperação com seu tio Johann

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

Bernoulli, ao renomado autor dessa célebre obra em Setembro de 1712. Este fato passaria despercebido pela história da Matemática e da Ciência se não fosse pelo teor corretivo que este encontro teve. Os Bernoulli não somente revelaram uma solução alternativa como também apontaram um erro de Newton, com o objetivo de exaltar a supremacia do cálculo diferencial leibniziano em detrimento do cálculo das fluxões newtoniano. No mês seguinte Newton já havia corrigido sua proposição. Em meio à tentativas frustradas de manter o argumento ele alcançou os mesmos resultados dos Bernoulli numa construção matemática muito diferente da anterior. Whiteside (Whiteside, *The Mathematical Papers of Isaac Newton*, vol. 8, 1981) e Panza (M. Panza, *Eliminare il tempo: Newton, Lagrange e il problema inverso del moto resistente*, 1988) apresentam seus argumentos a fim de esclarecer a natureza do erro. O primeiro sustenta que Newton ao considerar determinados segmentos (pequenas quedas galileanas) iguais falhou em não atentar à diferença entre estes que reside na componente de terceira ordem quando expandidos numa série convergente infinita. O último afirma que Newton não tinha ferramentas matemáticas para avaliar qual a influência da proporção entre velocidade e resistência no limite da razão entre a resistência e gravidade.

MEC - REUNI

A vida da razão pura: considerações sobre a epigênese em Kant

Marcio Pires

Doutorando em filosofia pela Universidade de São Paulo

marciopires@usp.br

Resumo: Um dos enfoques mais constantes em torno da filosofia teórica de Kant tende a enfatizar, tal como também o atesta grande parte da letra da *primeira crítica*, uma estreita relação ou mesmo um débito dessa filosofia com a ciência da natureza nos moldes da física newtoniana. Não sendo, decerto, uma leitura equivocada, ela é, por outro lado, ao menos uma leitura insuficiente. O aspecto sistemático, que, para Kant, caracteriza o próprio filosofar, não vai buscar inspiração numa imagem físico-mecânica do mundo, mas, uma vez tendo que ser conjugado a partir de uma concepção de espontaneidade e liberdade da razão, ganha seu fôlego e inspiração nas metáforas biológicas que, embora de ocorrências bem menos frequentes na primeira parte da *Crítica da Razão Pura*, qualificam, por exemplo, o próprio método do pensamento em seu desdobramento arquitetônico. De tal maneira, será o próprio organismo, na dinâmica vital que preside seu desenvolvimento, a imagem mais privilegiada para se pensar a razão, não como estrutura acabada, mas, como uma permanente atividade estruturante. Em vista disso, e assumindo preferencialmente o seu sentido metafórico, daremos atenção à ocorrência de um vocabulário embriológico que, embora mais presente em textos menores – escritos a par da produção da trilogia crítica – não deixa de caracterizar um momento elementar da filosofia transcendental, tal o caso da *Dedução transcendental*, em cujo último parágrafo Kant afirma, para esquivar-se do empirismo e do inatismo dos conceitos, um sistema da epigênese da razão pura.

CAPES

Contribuição de estudos epistemológicos na formação de professores de Biologia

Mariana A. Bologna Soares de Andrade

Professora do Departamento de Biologia Geral/UEL

mariana.bologna@gmail.com

Fernanda Aparecida Meglhioratti

Professora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde - UNIOESTE

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA

meglhioratti@gmail.com

Fernanda da Rocha Brando
Professora do Departamento de Biologia/USP-Ribeirão Preto

frochabrand@gmail.com

Ana Maria de Andrade Caldeira
Professora do Departamento de Educação/UNESP-Bauru
anacaldeira@fc.unesp.br

Resumo: Michael Matthews (“Science Teaching: the role of history and philosophy of Science”, 1994) considera que as organizações de currículos que priorizam espaços de estudos sobre Epistemologia contribuem para uma visão mais coerente da Ciência a que professores estudam. Neste sentido, a formação dos professores caracteriza-se como um processo de superação de obstáculos caracterizada por Bachelard (2006) como um racionalismo dialético, no qual a análise dos fenômenos, objetos e, conseqüentemente, a construção do conhecimento científico ocorre *a posteriori* do estudo de diferentes racionalismos. Nesta perspectiva, foi proposto por Meghioratti *et al* (“A compreensão de sistemas biológicos a partir de uma abordagem hierárquica: contribuições para a formação de pesquisadores”, 2008) um modelo de hierarquia escalar sobre os fenômenos vivos, este modelo é formado por três níveis hierárquicos [ecológico [organismo [genético molecular]]]. No presente trabalho, o nível inferior, genético molecular, foi escolhido como foco do estudo epistemológico. O objetivo desta pesquisa foi o de analisar discussões sobre diferentes aspectos do material genético orientadas pelo modelo triádico escalar e os obstáculos epistemológicos para a compreensão do material genético por meio de uma visão sistêmica em um grupo de pesquisa com professores em formação inicial. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa, que utilizou como instrumento de coleta de dados, observação e entrevistas. A análise dos dados foi elaborada categorização. Pode-se considerar que houve a superação do obstáculo da experiência primeira – de concepções aleatórias, para a compreensão do modelo hierárquico e para a proposição de um modelo em rede, entretanto, a analogia do gene como determinante das características dos organismos ainda esteve presente em alguns momentos das falas dos sujeitos. A análise dos dados permitiu reconhecer o papel significativo do grupo na formação de pesquisadores por possibilitar um espaço de integração do conhecimento biológico aprendido na graduação, o desenvolvimento de uma visão sistêmica e relacional sobre o material genético.

Estética do sublime em Lyotard e sua relação com as vanguardas experimentais

Mariana Ruiz Bertucci
Mestranda do curso de Filosofia Contemporânea, UEL
Mariana_bertucci@hotmail.com

Resumo: A proposta desta pesquisa consiste na análise da estética do sublime em Lyotard como uma experimentação que foi radicalmente adotada pelas vanguardas modernas e pós-modernas. É fundamental compreender na estética do sublime de Lyotard as grandes influências de Kant e Burke sobre o mesmo assunto, pois, embora o filósofo francês transfira a estética do sublime da natureza para as artes, os elementos colocados por seus predecessores são de tamanha relevância para sua teoria. O sublime é um sentimento contraditório do qual o prazer deriva da dor, pois é resultado de uma disjunção, no momento estético, entre a faculdade da razão (de conceber) e a faculdade da imaginação (de apresentar): a incomensurabilidade entre as faculdades gera a condição de um

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

abismo niilista, porquanto não promove uma experiência da qual se possa ter conhecimento do real ou sequer o sentimento de beleza. Nesta situação, o indivíduo encontra-se diante de uma supressão subjetiva, que será “restaurada” a partir da possibilidade de um prazer que advenha da aceitação daquilo que permanece indeterminado. Lyotard afirma que as vanguardas experimentais expressam-se na estética do sublime porque levam a tarefa de apresentar o inapresentável, de nos atentar que há algo que pode ser concebível, mas que não pode ser exemplificado por nossa imaginação. A conduta dessas vanguardas é válida para Lyotard principalmente porque, além de consistir na ruptura com regras já institucionalizadas a partir do questionamento constante sobre o que é a arte, visa destituir a univocidade referencial da realidade (e da obra).

CAPES

Análise das concepções de licenciandos em biologia brasileiros e portugueses acerca dos valores éticos da ciência

Paloma Rodrigues da Silva
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência.
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.

paloma.bio@hotmail.com

Elaine S. N. Nabuco de Araújo
Pesquisadora do Centro de Divulgação e Memória da Ciência e Tecnologia.
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.

enabuco@netsite.com.br

Graça S. Carvalho
Docente do CIEC, Instituto de Educação
Universidade do Minho, Braga, Portugal

graca@ie.uminho.pt

Ana Maria de Andrade Caldeira
Professora Adjunta do Departamento de Educação
Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP.

anacaldeira@fc.unesp.br

Resumo: Neste estudo buscamos entender como dois grupos de futuros professores de Biologia brasileiros e portugueses percebem as relações entre os recentes avanços biotecnológicos e as questões bioéticas subjacentes, entre as quais, podemos citar, o uso das células-tronco embrionárias em pesquisas para fins terapêuticos (que se relaciona com a problemática do momento em que se inicia a vida, e, portanto, do quanto é lícito eliminar uma vida para salvar outra) e os alimentos transgênicos (que apresentam uma série de questões ainda pendentes, tanto na área ecológica, quanto nas áreas da saúde e da economia). Objetivamos compreender, também, se os estudantes percebem a influência de outros valores, além dos cognitivos no desenvolvimento e aplicação das pesquisas biotecnológicas mencionadas, isto é, se entendem a ciência como uma atividade neutra. Para coleta de dados, construímos uma escala do tipo Likert. O questionário foi respondido por estudantes do Estado de São Paulo (Brasil – BR) e do distrito de Braga (Portugal – PT). Para análise dos dados, aplicamos uma técnica de Análise dos Componentes Principais. Os resultados apontaram para forte influência dos valores sociais e culturais nas concepções dos estudantes, como na questão dos produtos transgênicos, em que as respostas variaram de acordo com as discussões éticas mais presentes em cada país. Percebemos também uma forte perspectiva salvacionista nas respostas. Julgamos interessante o fato de que os estudantes, apesar de se declararem favoráveis à influência de valores éticos e sociais nas pesquisas, mostraram uma concepção de Ciência neutra, isto é, isenta

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

destes valores. A nosso ver, é desejável que futuros professores de Biologia desmistifiquem a ideia de ciência neutra e simplesmente salvacionista, uma vez que, face aos avanços científicos, é de extrema importância que os professores discutam os impactos da ciência com base nas relações entre ciência, tecnologia e sociedade, numa perspectiva menos dogmática e mais sustentável.

CAPES

O individualismo moderno na perspectiva da teoria do consenso de Habermas

Paulo Roberto da Rocha
Mestrando, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia
paulinhohu@yahoo.com.br

Resumo: Em seu artigo “Ética Iluminista e Ética Discursiva”, Sergio Paulo Rouanet (*Mal-estar na Modernidade*, 2003) propõe uma reconstrução do pensamento moral Iluminista à luz da teoria ética de Habermas. A Moral habermaseana, segundo ele, tem raízes nas relações sociais espontâneas onde a cultura, a sociedade e a personalidade são seus componentes estruturais. O ponto de partida é a suspensão da crença do que se havia afirmado, até que se conclua, por consenso, o processo de discussão discursiva, podendo chegar à confirmação ou à negação da verdade, e a justificação ou refutação da norma. O trabalho traz a hipótese de utilizar a teoria para uma reformulação plausível da filosofia moral da Ilustração, no que tange uma das principais características de sua ética, a saber, o individualismo. Apesar da Ética Discursiva não aceitar o individualismo, devido a sua incompatibilidade com a teoria, oferece um caminho para preservar suas consequências mais valiosas: O direito a felicidade e o julgamento moral autônomo. O indivíduo só existe em interação, pressupondo neste caso o reconhecimento da dignidade e integridade de cada participante. Os direitos da comunidade, segundo Habermas, não podem cancelar os direitos do indivíduo, se afastando, com isso, dos modelos propostos por Kant e Rousseau. O que era inquestionável se torna hipotético e as certezas culturais problemáticas. O olhar discursivo não é mais individual, mas intersubjetivo. Não há rigorismo na ética discursiva. É uma ética da responsabilidade e não da convicção. A ética iluminista apontou o caminho. A liberdade moral, hoje em dia, depende da manutenção da moralidade subjetiva e objetiva, sem uma absorver a outra. O que se pretende mostrar é que a ética discursiva permite, então, salvar os elementos positivos do individualismo iluminista.

As Controvérsias das Meditações Metafísicas entre Gassendi e René Descartes

Pedro Paulo Ramos Ventura
Unisinos

Resumo: A justificativa do resumo reside na sua contribuição para a análise da argumentação cartesiana, à luz de uma das mais relevantes teorias da argumentação contemporâneas: a teoria das controvérsias de Marcelo Dascal. Este projeto tem como finalidade analisar as *Objecções e Respostas* entre Gassendi e René Descartes sobre as *Meditações Metafísicas*. As críticas feitas as *Meditações* por Gassendi, será a nossa análise de pesquisa, destarte, partindo inicialmente da distinção que Marcelo Dascal estabelece entre discussão, disputa e controvérsia, avaliar as objeções de Gassendi, como também as respostas de Descartes, para estabelecer em que momento das discussões ocorre uma disputa, discussão ou uma controvérsia. É importante ressaltar que o objetivo do projeto é analisar em que momento ocorrem às controvérsias nas polemicas das *Meditações*. Entendemos que a ausência de um método de decisão como a prova que termina o debate obrigatório dos

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

participantes e os faz aceitarem a solução por ela ditada, é justamente umas das características definitórias da controvérsia. A controvérsia difere da disputa à medida que, na controvérsia, cada participante não dá por estabelecido a priori que o adversário está errado e ele certo, abandonando assim a esperança de poder persuadi-lo racionalmente a mudar de ideia. A controvérsia difere da discussão por não se restringir à discussão da correta aplicação das regras, uma vez que, a discussão, não há divergências quanto a pressupostos comuns, método e critérios. Na controvérsia, todos esses fatores podem ser debatidos, permitindo assim, ao contrário, desacordos amplos e radicais, bem como inovações. As questões polêmicas das *Meditações*, as ideias claras e distintos como sendo verdadeiros, e a dúvida como pilar do pensamento cartesiano, são portanto os interesses que nos levaram a estudar as *Meditações*, apropriando-se das ferramentas argumentativas que Marcelo Dascal nos oferece, frente as polêmicas de Gassendi e Descartes nas *Objeções e Respostas*.

O sentimento compassivo como Vontade de Potência: O problema da interpretação de Nietzsche sobre a compaixão na filosofia de Schopenhauer

Renata Peruzzo
Graduada em filosofia pela Universidade Estadual de Londrina
peruzzorenata@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo problematizar a leitura de Nietzsche sobre o conceito de compaixão apresentado na filosofia de Schopenhauer, o que exige previamente esclarecer que: para Nietzsche não há teoria permanentemente válida e qualquer solução para determinar uma verdade imutável não parece possível, o mundo é um constante vir a ser e o que vêm a ser ainda não ocorreu, ou seja, seria um esforço em vão buscar determinar um fenômeno que não existe. Sendo assim, o sentimento compassivo constituiria apenas uma interpretação de Schopenhauer, uma projeção do que tenta estabelecer, mas não uma verdade absoluta. O fato de Nietzsche recusar respostas definitivas é relevante para compreender o final deste artigo que busca dar uma suposta defesa de Nietzsche aos problemas propostos, a saber: A) Nietzsche parece não perceber que na filosofia de Schopenhauer a compaixão é afirmação da Vontade de Vida (conceito este que vai se emparelhar com a Vontade de Potência descrita por Nietzsche), pois é ligada ao ímpeto para existência. B) Schopenhauer quando descreve sobre a piedade não parece tão distante de Nietzsche que concebe o sofrimento e a crueldade dulcíssima, isto é, na compaixão ainda se ama este mundo de dor e quer afirmá-lo (essa a tentativa de afirmar o mundo também pode ser articulada com a Vontade de Potência descrita por Nietzsche). C) Parece que Nietzsche confunde a compaixão com o estado de Negação da Vontade (resignação). D) Se Vontade de potencia para Nietzsche pode ser interpretada como: buscar vencer sem fadiga. Ora, o compassivo para Schopenhauer procura vencer a morte ou a dor, não é resignação dos desejos no fundo o que o compassivo anseia é salvar-se.

Habermas e sua interpretação do positivismo jurídico: uma análise crítica

Rogério Moreira Orrutea Filho
Mestrado, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia
souaristocrata@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho, nosso objetivo é a realização de uma análise crítica direcionada à interpretação adota por Habermas sobre o positivismo jurídico, tal como consta no quinto capítulo de *Faktizität und Geltung*, intitulado “indeterminação do direito e racionalidade da jurisdição”. Neste capítulo, Habermas parece caracterizar o positivismo jurídico “como um sistema de normas fechadas

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

cuja legitimidade justifica-se apenas mediante a fidelidade aos procedimentos legalmente prescritos” (cf. Hugh Baxter, *Habermas: the discourse theory of law and democracy*, 2011). A partir da leitura dos trabalhos de Hans Kelsen e H. L. A. Hart – que são tomados por Habermas como representantes do positivismo jurídico que ele se propõe a interpretar e criticar – veremos até que ponto a compreensão do próprio Habermas acerca do positivismo de Kelsen e Hart consegue ser coerente e suficiente. Diante dos resultados obtidos, conclui-se que Habermas apela a uma interpretação reducionista do positivismo jurídico, destacando em demasia algumas de suas características e desprezando outras de grande valor, como, por exemplo, a tensão existente entre *ser* e *dever-ser* no âmbito do direito, explicitamente admitida e reconhecida por Kelsen, o que levou o jurista austríaco a uma formulação teórica sobre a necessária complementaridade entre *validade* da norma jurídica e *eficácia* da mesma, apresentada no quinto capítulo da *Teoria Pura do Direito*.

O problema mente-corpo: uma crítica à teoria dualista da mente de René Descartes a partir do estranho caso Phineas Gage

Rogério Cangussu Dantas Cachichi
Colaborador externo do Projeto de Pesquisa n.º 06280,
coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Luciano Manholi
Universidade Estadual de Londrina
rogeriocangussu@gmail.com

Resumo: Este estudo trabalha uma gama de desafiadoras questões em torno das quais gravita o tema central do problema mente-corpo. Exposta em linhas gerais a famigerada teoria dualista da mente de René Descartes, trata-se aqui de uma das muitas críticas a ela lançadas na contemporaneidade. Depois de se dedicar aos relatos médicos de um acidente ocorrido no século XIX nos Estados Unidos que vitimou não fatalmente o operário americano Phineas Gage, António Damásio, neurologista português, foi o responsável pela elaboração dessa crítica à teoria cartesiana na obra *O erro de Descartes* (1996). Consignadas as bases da teoria de Descartes e descrito em linhas gerais o aludido caso médico, o presente trabalho visa expor a crítica de Damásio segundo a qual não seria concebível a abissal separação entre substância mental (mente) e substância corporal (corpo), na medida em que funções genuinamente atribuídas àquela (especialmente emocionais – ausência de emoção e prejuízo na tomada de decisões morais) sofreram sensível disfunção por conta de lesões no córtex pré-frontal de Gage.

A teia da vida: paralelismos entre a obra da artista plástica brasileira Lígia Clark e o pensamento do físico teórico e escritor Fritjof Capra

Sirlene Felisberto Rodrigues
Professora, Secretaria Estadual de Educação, Paraná
s.felisberto@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar uma análise dos paralelismos entre a obra da artista plástica brasileira Lígia Clark e o pensamento do físico teórico e escritor Fritjof Capra. Ambos em suas idéias propõem questionamentos aos limites paradigma cartesiano, vislumbrando a instauração de novas maneiras de conceber as relações entre o ser humano e o meio ambiente a partir do resgate da percepção e da superação da dualidade entre corpo e mente. Lígia Clark é conhecida no meio das artes plásticas por causar uma revolução na relação espectador-obra: suas obras, que passeiam entre as inovações modernistas e as teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, são instauradas no campo da experiência, de uma nova e vivência do espaço, do resgate da condição

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

primordial de unidade visceral entre o indivíduo, o ambiente, o outro. A artista propôs instalações onde o tato, o olfato, a percepção, as sensações e medos aterradores da infância poderiam vir à tona, numa redescoberta do gesto, do corpo e da sensibilidade. Fritjof Capra é um dos representantes do chamado pensamento ecológico, sua obra apresenta discussões epistemológicas sobre a História da Ciência passando por conceitos ligados à Ecologia, a Psicologia, Física Quântica e Administração. O autor constrói seu pensamento de forma trans-disciplinar entre as ciências naturais e humanas, propondo uma reorientação paradigmática das mesmas, o que em suas obras é apresentado como abordagem sistêmica. Assim como Lígia Clark fez nas artes, Capra discute e critica o paradigma mecanicista em que o corpo e o universo poderiam ser comparados a máquinas. De acordo com o ponto de vista Sistêmico deve-se superar a dualidade entre corpo e mente, separação esta que tem ocasionado muitas condutas destrutivas em relação à preservação da vida no planeta.

Representações e teorias científicas conforme a perspectiva neurocomputacional

Tales Carnelossi Lazarin
Psicólogo, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos
taleslazarin@terra.com.br

Resumo: Nesta comunicação discorrerei sobre a perspectiva neurocomputacional e seu emprego por Paul Churchland para tratar de problemas clássicos na Filosofia da Ciência. Essa vertente das ciências cognitivas inspirada pela biologia concebe os sistemas cognitivos como constituídos por unidades similares a neurônios que efetuam computações através de diferentes pesos atribuídos a suas conexões. Para ser apropriadamente treinada, uma rede neural precisa passar por um lento e laborioso processo de tentativas, erros e ajustes correspondentes em suas sinapses frente a estímulos selecionados. Essa é uma forma de aprendizado baseada em mudanças estruturais no cérebro - que, no caso dos seres humanos, ocorre durante os primeiros anos de vida gerando uma gama variada de espaços cognitivos inter-relacionados (e.g. relativos a cores, faces, vozes, etc...) a partir do contato com o mundo. Se for apropriadamente ajustado, um espaço cognitivo específico representa o domínio para o qual foi treinado, uma vez que sua geometria abstrata se reparte refletindo relações objetivas encontradas naquele (e.g. preservando proporções entre olhos, nariz e boca com relação a faces) e os padrões momentâneos de ativação das unidades, em constante mudança, constituem lugares nessa estrutura com características específicas (e.g. uma cor em particular). Há, ainda, outra forma de aprendizado baseada em mudanças dinâmicas do cérebro, muito mais rápidas, e que ocorrem a partir das excentricidades das ativações nos espaços previamente esculpidos. Churchland emprega essa outra forma de aprendizagem para tratar de algumas questões sobre a natureza e mudança das teorias científicas. Assim, as reduções teóricas são concebidas não da maneira tradicional - como pares de redução relacionados por implicação lógica - mas como um espaço cognitivo possuindo uma subestrutura que subsume outro espaço; e as mudanças científicas são entendidas como uma reaplicação de conceitos pertencentes a espaços cognitivos pré-existentes a um novo domínio da realidade.

Natureza da Ciência no contexto do ensino de Evolução

Thiago Vidotto
Graduando do Curso de Ciências Biológicas- UEL
thiagovidotto@gmail.com
Mariana A. Bologna Soares de Andrade
Professora do Departamento de Biologia Geral- UEL

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

mariana.bologna@gmail.com

Rogério Fernandez de Sousa

Professor do Departamento de Biologia Geral – UEL

rogfs@uel.br

Resumo: É cada vez mais frequente considerar o papel do conhecimento da Natureza da Ciência para o Ensino de Ciências. Ledermann (1992) aponta que as pesquisas sobre a natureza da ciência consideram que professores apresentam resistência à mudança sobre a natureza de conhecimento científico. Desta forma, este trabalho, em fase de desenvolvimento, objetiva apresentar o relato do estudo sobre Estratégias Evolutivamente Estáveis (EEE) e a Teoria dos Jogos na organização de um jogo que, posteriormente, será utilizado como estratégia de discussão sobre a natureza do conhecimento sobre evolução com professores em formação. Em um jogo hipotético, a escolha racional é normalmente a adoção de uma estratégia em que se espera uma conquista de maior recompensa para um indivíduo, assumindo que os outros também estão tentando escolher estratégias que sejam melhores para eles. A Teoria dos jogos evolutivos foi originada do artigo "The logic of animal conflict" de Maynard Smith and Price (1973) que consideraram uma população na qual seus membros são aleatoriamente dispostos em pares em um jogo bimatricial. Em termos biológicos, membros de uma determinada espécie competem entre si e, a recompensa nessa situação é uma maior chance de sobrevivência e de passagem dos genes para a próxima geração. Numa população natural, é possível que ocorra um equilíbrio pelas forças da seleção natural até o ponto em que este não seja abalado por indivíduos que eventualmente tirariam vantagem do grupo estável. Portanto, em uma EEE, estratégias alternativas às originais trazem piores desempenhos para tais jogadores. Baseado em tais considerações será apresentado os aspectos epistemológicos para a construção de um jogo interdisciplinar que abrange conceitos de evolução, ecologia, etologia e filosofia, como uma ferramenta, em potencial, para a discussão de aspectos da natureza da ciência entre sujeitos e o articulador do jogo.

A objetividade como uma coerência linguística

Vitor Leite Primo Diogo

Professor de Filosofia, Estado do Paraná; Estudante de Especialização em ensino de Filosofia e Sociologia; Membro do grupo de estudos Karl Popper da UNIOESTE.

vitorel@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho está em expor alguns pontuais argumentos do Filósofo Karl Popper quanto a possibilidade de fazer ciência tomando como condição necessária a objetividade por meio da linguagem. A relevância desta tarefa se expressa na tentativa de justificação dos enunciados científicos. Se for possível justificar, de maneira última e inquestionável, um enunciado científico, qual o critério que concede à justificativa tamanho valor de verdade? Popper reconheceu que na ciência havia, e em alguns círculos científicos ainda persiste, a tentativa de justificar o conhecimento por meio de enunciado(s) subjetivista(s), isto é, construir uma "verdade científica" tomando por base a observação particular ou experiência pessoal. Tal modelo de pensamento é denominado por Popper como psicologismo. Reconhecendo que o subjetivismo não auxilia no avanço do conhecimento científico, na medida em que, seu produto é inalcançável à testes intersubjetivos, Popper afirma a necessidade de um critério de demarcação para o fazer científico: o falibilismo. A relação entre objetivismo e falseabilidade pode ser expressa por meio de sua concepção da linguagem que reconhece o fenômeno linguístico em diferentes níveis. Esta concepção linguística se propõe apresentar um caminho para superar a falha no sistema subjetivista do

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

conhecimento. É utilizando este instrumento que Popper considera possível desenvolver a objetividade, visto que, a linguagem guarda a expressão máxima da característica do conhecimento objetivo: a relação entre racionalidades críticas.

Aspectos da teoria crítica de Marcuse para a compreensão da decadência da figura do intelectual na contemporaneidade

Vivian Batista Gombi
Mestranda, Universidade Estadual de Maringá
vickgombi@hotmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma interpretação da decadência da figura do intelectual engajado na contemporaneidade se pautando nas concepções de filosofia e teoria crítica do filósofo Herbert Marcuse. A atividade intelectual é uma forma de trabalho e, como tal, coloca-se na interação da vida social, assumindo suas determinações históricas. Durante o século XX houve um florescimento da figura da intelectual e em suas últimas décadas houve o desaparecimento dessa figura. À que condições sociais podemos remeter esse fenômeno? Ou melhor, em que medida pode-se interpretar um fenômeno desses como resultado de condições sociais? O condicionamento social dos modos de vida do homem foi tratado por Marcuse em suas obras de maturidade. Não porque o filósofo não visse um potencial do homem em se autodeterminar, mas porque enxergava esse potencial não sendo praticado. A articulação proposta por Marcuse entre teoria crítica e militância política se relaciona com sua concepção da autodeterminação como princípio da reconstrução da sociedade. A autodeterminação é o uso da razão para a organização racional da sociedade, papel da filosofia. Essa autodeterminação tem relação com as noções de liberdade e de autonomia, conceitos muito discutidos em sua obra *A Ideologia da Sociedade Industrial (O homem unidimensional)*. Nela, o filósofo observa que o domínio das classes dominantes no capitalismo avançado tem ampliado, de maneira que todas as dimensões do trabalho e do lazer são administradas, controladas e organizadas à imagem da classe dominante, de acordo com seus interesses específicos. Nestas condições de controle, como falar em liberdade e autonomia do indivíduo? Sem autonomia de pensamento, como pode um intelectual se formar? Assim, surge um dilema que pretendo tratar nesta apresentação: ao mesmo tempo em que cresce a necessidade da atividade do intelectual hoje, aumentam os mecanismos sociais repressores que não permitem a formação de intelectuais.

Como é a realizada a inserção da história e filosofia da ciência nos livros didáticos de biologia.

Viviane Loiola da Visitação
Mestranda, Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Ciências Exatas
vivi_loiola@hotmail.com
Marcos Rodrigues da Silva
Professor da Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Filosofia
mrs.marcos@uel.br

Resumo: A importância da inserção da História e Filosofia da Ciência (HFC) no ensino de biologia é amplamente discutida na literatura. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) defendem a sua inserção no ensino de biologia e observam que alguns livros didáticos divulgam uma visão a-história e que esta deve ser superada. Os livros didáticos se constituem como uma das formas mais comuns de veiculação de concepções de ciências. Em uma pesquisa realizada por Gil – Pérez e colaboradores (2001) são apresentadas as concepções que os professores possuem acerca da ciência, essas

IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA BIOLOGIA

concepções são denominadas pelos autores de “visões deformadas”. Tendo em vista a preocupação com as concepções que podem ser difundidas nos livros didáticos, pretendemos verificar quais concepções de ciência são apresentadas pelos livros didáticos de biologia e explorar as potencialidades e os problemas dessas narrativas, no que se refere à narrativa histórica da construção da história da dupla hélice do DNA. O presente trabalho utiliza a metodologia da investigação historiográfica, isto é, busca-se reconstruir, a partir de fontes secundárias, alguns episódios da história da dupla hélice e, com base em algumas perguntas sobre a forma de ocorrência desta história, analisar a história da ciência que está sendo apresentada nos livros didáticos de Biologia do Ensino Médio e mostrar as potencialidades e os problemas destas narrativas.

O corpo e sua visualização na medicina ocidental

Walmor Chagas Fermino de Oliveira
Licenciado em Filosofia pela UENP
walmania7@msn.com

Resumo: O presente trabalho pretende expor alguns aspectos históricos sobre a visualização do corpo pela medicina ocidental. A centralidade desse trabalho está em apontar como os elementos da visão auxiliados por instrumentos da tecnologia médica como é o caso inicialmente da fotografia, posteriormente do raio-x e as tecnologias de visualização cerebral, surgiram e se desenvolveram com o objetivo de garantir objetividade, neutralidade e verdade científica sobre o corpo e a doença. Dessa forma observamos como os instrumentos, relacionados diretamente com a visão são apresentados pela medicina como fundamentos na construção de um saber médico irredutível, ou seja, um saber médico onde as imagens se sustentam em uma persuasividade desmedida. Por outro lado, tentaremos apontar como é que o privilégio da visão entre as modalidades de conhecimento sobre as doenças deve ser questionado como forma de se refutar o modelo exclusivamente visual do corpo. A partir desses aspectos nos propomos a analisar alguns elementos da filosofia de Michel Foucault e o os seus conceitos de biopoder/biopolítica, a relação entre saber e poder que a ciência moderna desenvolve a partir do século XVIII.

Sobre os limites da causalidade

Wesley Ribeiro Ferreira dos Santos
Professor de Ensino Médio, SESI - PR, Colégio SESI de Campo Mourão
barsaribeiro@hotmail.com

Resumo: O objeto de nossa pesquisa (fundamentada na leitura da obra *Uma Investigação sobre o entendimento humano*) é o conceito humeano de causalidade, e estes são os questionamentos que dirigem o nosso trabalho: qual é o fundamento do conhecimento possível sobre o que Hume chama de *questões de fato*? Qual é a natureza e grau de evidência de nossas certezas a respeito dessas *questões de fato*? Qual é o alcance e quais são as consequências das questões levantadas por Hume sobre os limites da noção de causalidade? Partimos, na presente pesquisa, da consideração da natureza do que Hume denomina *questões de fato* em direção aos fundamentos da noção de causalidade, noção que, para o filósofo, sustenta as investigações nesse campo do conhecimento. Chegamos, então, a uma negação da possibilidade de uma fundamentação ontológica da noção de causalidade, que será determinada como suposta e indutiva, cuja sustentação se dá a partir do conceito de *hábito*. Mas, como pretendemos mostrar, esta noção aparentemente destrutiva da

**IV ENCONTRO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: EPISTEMOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS E III
SEMINÁRIO DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: ENFOQUES SOBRE FILOSOFIA E HISTÓRIA DA
BIOLOGIA**

causalidade não deve ser tomada como uma negação do valor do conhecimento científico. Hume não pretendeu, é verdade, dar o fundamento último da causalidade e de todo o conhecimento *a posteriori*, mas aponta para um princípio que torna inerente a qualquer conhecimento sobre *questões de fato* o aspecto duvidoso e incerto; o que não diminui, no entanto, o valor desta espécie de conhecimento, que é, como afirma Hume: “o único conhecimento que nos capacita a controlar eventos e governar o futuro”. (cf. David Hume, *Investigações sobre o entendimento e sobre os princípios da moral*, 2004).